

Planejamento a longo prazo

1 8 NOV 1989

LEE IACOCA

Washington e a Wall Street merecem uma boa parte da culpa pela filosofia do enfoque a curto prazo que permeia toda a economia norte-americana.

Os empresários também são culpados, mas não são eles que estabelecem as regras do jogo. Aqui, do ponto de vista de um empresário, mostro como as regras deveriam ser modificadas.

1 — As empresas deveriam ser encorajadas a fazer investimentos a longo prazo.

O grande corte fiscal de 1986, na verdade, apenas transferiu uma parte maior do fardo dos indivíduos para as empresas, que perderam os seus créditos fiscais para investimentos de capital. Estes créditos deveriam ser restaurados e os períodos para a amortização dos investimentos de capital, reduzidos. A taxa dupla dos dividendos (a empresa paga e o acionista também é obrigado a pagar) deveria ser eliminada.

E a Reserva Federal deveria reduzir as taxas de juros, de maneira a permitir que os empresários norte-americanos possam realizar investimentos a prazo mais longo. Eu sou obrigado a pagar três ou quatro vezes mais pelo capital do que os meus concorrentes japoneses e isto significa que eu preciso conseguir os meus retornos três a quatro vezes mais depressa.

2 — Aumentar a taxa de juros paga à poupança.

Mas antes de qualquer outra coisa, é preciso que exista dinheiro que possa ser emprestado, e a baixa taxa de juros de poupança pagos nos Estados Unidos nos nega o capital do qual necessitamos para o crescimento econômico. Tudo começa com um sistema fiscal que pune a poupança e os investimentos e que recompensa as aquisições. Nós deveríamos começar a transferir o fardo fiscal da caderneta bancária para o cartão de crédito. E quando novas receitas se tornarem necessárias, taxe-se o consumo.

Os planos de poupança IRAs e 401K estiveram entre as melhores idéias que Washington conseguiu produzir em vários anos. Mas, depois, o governo resolveu limitar os incentivos fiscais. Eles deveriam ser reincluídos novamente.

3 — Recompensar o dinheiro paciente.

Com frequência demais nos tempos atuais, o dinheiro que é encaminhado para a poupança simplesmente está à procura do retorno mais rápido. Ele não fica parado num lugar durante um período de

tempo suficientemente longo para ajudar a financiar o desenvolvimento a longo prazo.

Parece que um corte nos ganhos de capital será adiado até o próximo ano. Vamos então aproveitar o tempo para nos tornarmos mais imaginativos e para aumentar os índices de ganhos de capital de maneira a recompensar os investimentos a longo prazo. Por que não uma taxa de 40% sobre bens vendidos num prazo de 90 dias, de 28% sobre bens vendidos entre 90 dias e cinco anos, e isenção fiscal completa sobre os bens mantidos durante mais de cinco anos? Será que isto seria o suficiente para transformar alguns especuladores em investidores de longo alcance?

Uma parte grande demais da poupança do país está presa no jogo dos takeovers. E este jogo não ajuda a construir a indústria americana; ele apenas serve para se ganhar um pouco com ela. Nós deveríamos exigir que uma pessoa possuísse as ações durante seis meses ou um ano antes que os direitos de voto possam ser exercidos e eliminar as deduções de juros sobre as dívidas incorridas num takeover hostil.

Ironicamente, os enormes fundos de pensões, que supostamente fornecem uma segurança a longo prazo para os trabalhadores americanos, estão entre quem mais prejudicam o esquema. Eles movimentam bilhões de dólares todos os dias, à procura de ganhos fáceis e rápidos. Atualmente, estes lucros não pagam quaisquer tipos de impostos. O governo deveria taxar estes ganhos a curto prazo.

Precisamos de proteção contra os piratas de patentes

4 — Encorajar a pesquisa e o desenvolvimento.

As taxas mais baixas de juros também ajudariam neste ponto, mas nós necessitamos de mais do que isto. Precisamos reescrever as leis antitruste para permitir que as empresas realizem colaborações no setor de pesquisa e desenvolvimento. Estas leis foram escritas com a finalidade de promover a competição dentro dos Estados Unidos, mas agora elas estão impondo restrições à competição entre os Estados Unidos e os seus rivais econômicos do Exterior.

Na indústria automobilística, por exemplo, deveríamos ter permissão para realizar pesquisas conjuntas em áreas como segurança, ar puro e economia de combustível. Empresas automobilísticas fazem isso no Exterior. E isso significa que, quando Washington resolver aprovar outra regulamentação, as empresas americanas terão de cumprir-la, independentemente uma das

outras, ao passo que os nossos concorrentes poderão reunir seus cérebros (e suas verbas) para cumprir com mais eficiência a nova regulamentação.

Créditos fiscais para pesquisas ajudariam. Ajudaria também uma parceria mais íntima entre o governo e as nossas universidades, no sentido de promover as pesquisas. E necessitamos de uma proteção maior contra os piratas de patentes no Exterior, para que eles não possam se aproveitar das pesquisas que fizemos.

5 — Promover as exportações.

As empresas norte-americanas não têm incentivos suficientes para criar operações de exportação a longo prazo. Em primeiro lugar, porque as taxas cambiais, extremamente voláteis, as tornam arriscadas demais. E nada fazemos para encorajar as exportações através das políticas fiscais ou comerciais. Nossos concorrentes no Exterior agem de maneira diferente.

Um crédito fiscal de 10% para as exportações norte-americanas seria aproximadamente o equivalente aos incentivos que os nossos concorrentes recebem através dos seus sistemas fiscais, quando nos enviam suas mercadorias. Deveríamos considerar esta possibilidade.

Obviamente, a chave para mais exportações é a existência de mercados abertos no Exterior. Esta é uma função que cabe inteiramente ao governo e nós já nos mostramos desatentos a esta questão durante muito tempo. Afinal, temos as armas necessárias para arrombar algumas destas portas fechadas e deveríamos utilizá-las.

6 — Criar um ambiente empresarial mais estável.

Nada consegue desencorajar mais o enfoque a longo prazo do que a incerteza a curto prazo. Por que gastar milhões com uma nova fábrica que poderá não se amortizar em 15 anos se, nesse meio tempo, alguém resolver modificar as leis fiscais ou fazer emendas nos regulamentos referentes ao meio-ambiente, à segurança ou a qualquer outro aspecto?

Por que fazer isso se os preços da energia poderão aumentar vertiginosamente ou cair abaixo do menor piso imaginado? Ou se as taxas de juros e a inflação puderem provocar uma grande gangorra na economia?

Se existe um grande e importante motivo pelo qual não podemos ver as coisas com mais de alguns meses de antecedência, isso é a nossa dívida nacional de três milhões de dólares e a incapacidade completa do governo federal para colocar freios e restrições a seus déficits crônicos.

Os juros referentes a esta enorme dívida absorvem cerca de 83% da poupança total do país e, pior ainda, forçam os políticos a cometer constantemente atos contra a natureza. Este ano, eles simplesmente fizeram de conta que 96 bilhões de dólares em novas dívidas não existem, colocando-os "extra-orçamentado".

Mas eles existem, é claro, e quando o credor aparecer para receber seu pagamento, poderá pôr toda a economia norte-americana de cabeça para baixo. Simplesmente, não existirá estabilidade a longo prazo neste país, enquanto continuarmos permitindo o crescimento desta dívida.

São seis coisas que precisamos fazer — e todas elas nos chegam acompanhadas de um preço e de uma certa dose de risco.

Não pensamos a curto prazo neste país por sermos incapazes de ver o horizonte. Nós conseguimos enxergar até lá, mas o fato é que não queremos. Nós temos medo do que iremos ver. E temos motivos de sobra para este medo.

□ Lee Iacoca é presidente do conselho da Chrysler Corporation e escreveu este artigo para o jornal Los Angeles Times

